



## BREGAFUNK COMO EXPRESSÃO CORPORAL E CULTURAL PERNAMBUCANA: BUSCANDO DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

### BREGAFUNK AS A BODILY AND CULTURAL EXPRESSION FROM PERNAMBUCO: SEEKING DIALOGUES WITH PHYSICAL EDUCATION

### BREGAFUNK COMO EXPRESIÓN CORPORAL Y CULTURAL DE PERNAMBUCO: BUSCANDO DIÁLOGOS CON LA EDUCACIÓN FÍSICA

Salome Archanjo Santiago • Livia Tenorio Brasileiro

#### Resumo

As periferias ao redor do mundo fomentam desde suas origens, sua própria cultura através de músicas, danças, estéticas, expressando diferentes contextos sociais (Moreau, 2022). Partindo deste reconhecimento, este artigo intenciona se inserir em uma cultura local fortemente presente na realidade pernambucana, mas pouco problematizada no espaço acadêmico, a saber o BregaFunk. Tem como objetivo apresentar o BregaFunk como expressão corporal e cultural de Pernambuco, buscando evidenciar diálogos com a área da Educação Física dentro do contexto acadêmico. Trata-se de um estudo exploratório, realizado através de uma pesquisa bibliográfica, analisando 23 produções que foram tratadas a partir da análise de conteúdo categorial por temática (Souza Júnior; Melo; Santiago, 2010). O estudo contribui para que o BregaFunk seja reconhecido como objeto legítimo de investigação científica e prática corporal relevante para a Educação Física em seus diferentes campos de atuação, reconhecendo os saberes, corporeidades e potências que as expressões artísticas periféricas produzem.

**Palavras-chave:** BregaFunk; Educação Física; Expressão Corporal; Cultura; Pernambuco.

#### Abstract

From their origins, peripheries around the world foster their own culture through music, dances, aesthetics, expressing different social contexts (Moreau, 2022). Based on this recognition, this article intends to insert itself in a local culture strongly present in the reality of Pernambuco, but little problematized in the academic space, namely BregaFunk. It aims to present BregaFunk as a body and cultural expression of Pernambuco, seeking to highlight dialogues with the area of Physical Education within the academic context. This is an exploratory study, carried out through bibliographic research, analyzing 23 productions that have been treated from the analysis of categorical content by theme (Souza Júnior; Melo; Santiago, 2010). The study contributes to BregaFunk being recognized as a legitimate object of scientific investigation and bodily practice relevant to Physical Education in its different fields of activity, recognizing the knowledge, corporeality and powers that peripheral artistic expressions produce.

**Keywords:** BregaFunk; Physical Education; Body expression; Culture; Pernambuco.

#### Resumen

Desde sus orígenes, las periferias de todo el mundo fomentan su propia cultura a través de la música, danzas, estéticas, expresando diferentes contextos sociales (Moreau, 2022). Con este reconocimiento, este artículo pretende insertarse en una cultura local fuertemente presente en la realidad de Pernambuco, pero poco problematizado en el ámbito académico, concretamente BregaFunk. Su objetivo es presentar BregaFunk como un cuerpo y expresión cultural de Pernambuco, buscando destacar los diálogos con la Educación Física en el contexto académico. Estudio exploratorio, realizado mediante una investigación bibliográfica, analizando 23 producciones que se trataron a partir del análisis del contenido categórico por tema (Souza Júnior; Melo; Santiago, 2010). El estudio contribuye a que BregaFunk sea reconocido como un objeto legítimo de investigación científica y práctica corporal relevante para la Educación Física en sus diferentes campos de actividad, reconociendo el conocimiento, la corporalidad y los poderes que producen las expresiones artísticas periféricas.

**Palabras clave:** BregaFunk; Educación Física; Expresión Corporal; Cultura; Pernambuco.





## INTRODUÇÃO

Em outras palavras, o Bregafunk, enquanto fruto de uma hibridização, habita inevitavelmente as fronteiras. Além disso, não pode ser definido ou limitado ao campo musical, ao contrário, passa a se estabelecer como um movimento que atua em vias culturais, políticas e identitárias (Oliveira, 2024, p. 61).

As periferias ao redor do mundo fomentam desde suas origens, sua própria cultura através de músicas, danças, estéticas, com linguajar próprio, expressando a realidade das pessoas inseridas em diferentes contextos sociais (Moreau, 2022).

Este artigo parte desse reconhecimento, pois intenciona se inserir em uma cultura local fortemente presente na realidade pernambucana, mas pouco problematizada no espaço acadêmico, a saber o BregaFunk. Neste trabalho, usaremos o termo “BregaFunk” junto, apesar de existir a forma de escrita separada (Brega Funk). A escolha se deu por reconhecer o BregaFunk como um estilo próprio, apesar das suas influências. Além disso, observa-se que é a forma mais utilizada de escrita entre os/as dançarinos e produtores/as que fomentam a cultura em Pernambuco.

No cenário mundial, o movimento cultural Hip Hop, oriundo dos Estados Unidos, nas suas diversas expressões; e o Dancehall, oriundo da Jamaica, são exemplos de culturas urbanas periféricas reconhecidas internacionalmente através das músicas e danças que falam sobre lazer, sonhos, e também denunciam as desigualdades sociais e violências daqueles territórios (Martins; Barros; Lima, 2015).

Oriundo destes movimentos, destacamos o BregaFunk, que surgiu nas favelas da Região Metropolitana do Recife, capital de Pernambuco, e tem ganhado destaque nos últimos anos, principalmente através da dança. O gênero musical se popularizou nacionalmente em meados de 2018, através da música “Envolvimento” de MC Loma e as Gêmeas Lacração ([https://www.youtube.com/watch?v=pOpyq-T4fnQ&list=RDpOpyq-T4fnQ&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=pOpyq-T4fnQ&list=RDpOpyq-T4fnQ&start_radio=1)), viralizando em outros estados e voltando a atenção do país para o ritmo Pernambucano.

No entanto, para os/as pernambucanos/as o ritmo não era desconhecido. O BregaFunk é resultado de fortes influências de outros gêneros musicais, principalmente o Brega. O que hoje é popularmente conhecido como o “Brega Romântico” ou “Brega Antigo” teve seu início nos anos 1970 e 1980 em Recife, sendo um dos seus principais precursores o cantor Reginaldo Rossi, com músicas que tinham um ritmo mais lento e falavam de amor e traição (Souza, 2024).





No início dos anos 2000, o Funk carioca ficou conhecido por todo o Brasil, e tanto suas músicas como a cultura de baile Funk chegam ao Nordeste moldando as festas das comunidades. Já no início dos anos de 2010, surge uma forma de fazer músicas muito próxima do que hoje conhecemos como BregaFunk. Cantores recifenses como Mc Troia, Sheldon e Dadá Boladão apresentaram esse novo tipo de Brega, com um ritmo mais agitado e letras consideradas vulgares, que ainda falavam de amor e traição, mas agora a sexualidade e rivalidade se apresentavam de forma mais explícita.

No entanto, foi apenas a partir de 2018 que ficou nítido que as periferias de Recife estavam construindo uma nova cultura. Músicas como “Gera Bactéria” dos Mcs Shevchenko e Elloco e “Barulho da Kikada” de Mcs Niago e Seltinho com Mc Reino foram grandes precursores do BregaFunk enquanto dança, retomando a tendência de colocar dançarinos/as nos videocliques, aproximando o movimento da música e construindo o estilo que conhecemos hoje, onde essas duas linguagens andam sempre juntas.

Com a consolidação desse novo gênero musical, os/as jovens das periferias recifenses começaram a reproduzir e criar coreografias das músicas, contribuindo com sua divulgação para além de Pernambuco. O bairro de Santo Amaro, em Recife, foi um dos pioneiros desse movimento, com o surgimento do grupo “Magnatas do Passinho S.A.” formado por amigos do mesmo bairro que começaram a postar suas coreografias no *YouTube* (Bento, 2019).

A partir dessas movimentações entre a juventude, em 2019 começaram a acontecer grandes encontros desses dançarinos/as, que se reuniam em praças públicas para dançar e batalhar entre si. Os indivíduos geralmente vestiam camisas da sua própria favela, usando a dança como um veículo de comunicação entre as diferentes comunidades que já tinham histórico de rivalidade, ressignificando o contato e a convivência (Leia Já, 2019).

Atualmente o BregaFunk, enquanto dança tomou outras proporções, consolidou grupos maiores e profissionais, envolvendo campeonatos com patrocínio, como é o exemplo das batalhas realizadas pela Red Bull e o campeonato “BregaFunk no Topo” idealizado pelo cantor e dançarino Anderson Neiff, influenciador digital, cantor, compositor e dançarino nascido no bairro do Ibura, zona sul da cidade de Recife.

Para além do profissional, essa corporeidade ainda pulsa nos mais diversos corpos no solo pernambucano e brasileiro, os passinhos estão constantemente em alta através das redes sociais, convidando o público a reproduzir e se desafiar com o gingado recifense, sendo amplamente divulgados nas mídias sociais.



Um dos exemplos mais recentes é o “Passinho do Jamal”, criado em 2020, pelos amigos Pedro Henrique (Eo Chapa) e Romério Júnior (Jamal) moradores do bairro de Santo Amaro, tendo esta dança viralizada só em 2025 com a sua inserção na plataforma TikTok, impulsionando o estilo por todo país.

É visível que o BregaFunk enquanto dança tem movimentos e gestualidades que conversam diretamente com o que está sendo dito nas letras das músicas, falam sobre criminalidade, sexualidade e o cotidiano daquelas comunidades através de movimentações fortes, rápidas e agressivas. Tais expressões vem gerando diversos debates entre a população e estudiosos, pois apesar desse gênero vir ganhando visibilidade, continua marginalizado.

Em fevereiro de 2025, foi analisado o projeto de lei n. 2492 na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE), apresentado pelo deputado Renato Antunes (Partido Liberal – PL), que pretendia penalizar as escolas públicas e privadas que permitissem o BregaFunk enquanto manifestação e suas linguagens, alegando serem impróprias e fazerem apologia ao crime. Fora do parlamento, a discriminação vem através: de falas preconceituosas de uma parte da sociedade, do pouco investimento midiático e da violência policial nos ambientes em que os encontros dos/as produtores/as e consumidores/as dessa cultura acontecem (Silva, 2023).

Esse processo de criminalização simbólica das culturas periféricas não é novidade, é possível observar ao longo da história uma tentativa de apagamento, como foi com o Funk no Rio de Janeiro, Hip Hop nos Estados Unidos, e até mesmo no Jazz e Samba. Ao analisar o projeto referido anteriormente, a deputada Dani Portela (Partido Socialismo e Liberdade – PSOL) indica que essas atitudes abrem espaço para censura, desconsiderando a importância da educação musical e social que o BregaFunk pode proporcionar, além de atingir diretamente ou indiretamente a possibilidade de mudança de vida dos/as fazedores/as dessa cultura (Tribuna Online, 2025)

Colocar em debate este tema na área de Educação Física se dá pelo reconhecimento de que esta manifestação dançante, presente nas periferias de Recife e sua região metropolitana, faz parte do cenário afro diaspórico de resistência e movimentos instigantes, que vem impulsionando muitos/as jovens e que está presente em nossas praças, ruas, escolas e demais espaços socioculturais.

Frente a esse contexto, este estudo intenciona apresentar o BregaFunk como expressão corporal e cultural de Pernambuco, buscando evidenciar diálogos com a área da Educação Física dentro do contexto acadêmico.



## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, entendido como um tipo de pesquisa que tem como uma das principais finalidades aprofundar o conhecimento acerca de um fenômeno ainda pouco estudado (Piovesan; Temporini, 1995).

Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida a partir de análises de materiais já publicados sobre o assunto, envolvendo artigos científicos, livros, teses e dissertações (Cavalcante; Oliveira, 2020).

Tomamos como referência as bases de dados: *Scielo - Scientific Electronic Library Online* e o Portal de Periódicos Capes, para acessar artigos; e o Banco de dissertações e teses da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), para acessar dissertações e teses.

Para o primeiro acesso recorreremos aos termos: BregaFunk ou Brega Funk, tendo como critérios de inclusão: artigos, dissertações e teses; em língua portuguesa, inglesa ou espanhola; sendo excluídos as produções com acesso pago e arquivos corrompidos. Não houve recorte temporal.

A partir deste levantamento inicial identificamos diferentes produções, conforme Quadro 1.

**Quadro 1** – Mapeamento de produções sobre BregaFunk

| Fonte                                                 | Mapeados  | Validados |
|-------------------------------------------------------|-----------|-----------|
| <i>Scielo</i>                                         | 03        | 02        |
| Portal Periódicos CAPES                               | 20        | 07        |
| Portal de Dissertações e Teses da CAPES               | 15        | 09        |
| Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações | 12        | 06        |
| <b>Totais</b>                                         | <b>50</b> | <b>24</b> |

**Fonte:** construção das autoras.

Após verificação das produções válidas, através da leitura dos títulos e resumos, foram descartadas 9 produções por repetição e 2 produções que apareciam como embargadas no sistema de acesso. Reunindo para análise 13 produções acerca do BregaFunk, apresentadas no Quadro 2.



**Quadro 2** – Detalhamento das produções sobre BregaFunk

| Nº | Título                                                                                                                          | Tipo        | Autoria                                                                        | Inserção                                            | Ano  |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|------|
| 01 | Que “Macho” é esse? “Anormalização” de subjetividades em Videoclipes de Bregafunk                                               | Artigo      | SOUZA-LEÃO, André Luiz Maranhão de; LOPES, Mariana Almeida de Souza            | Revista Organizações e Sociedade                    | 2024 |
| 02 | Um passo de cada vez no Passinho dos Malokas: as encruzilhadas do corpo, da cultura, do comum, da contraconduta e do espetáculo | Artigo      | MEIRELES, Danilo; MEIRINHO, Daniel                                             | Revista Cambiassu: Estudos de Comunicação           | 2024 |
| 03 | Corpo estética: imersão em um rolêzinho do passinho dos Maloka no Recife                                                        | Artigo      | BARROS, Simone Grace de; SILVA, Alexandre Ferreira                             | Revista de Ensino em Artes, Moda e Design           | 2022 |
| 04 | Disputas morais nas músicas pop periféricas: estudo a partir do bregafunk                                                       | Artigo      | SOARES, Thiago                                                                 | Revista Mídia e Cotidiano                           | 2023 |
| 05 | “O bagulho ficou sério!” representação de gênero no bregafunk recifense                                                         | Artigo      | SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; FÉLIX, Jeane; ARAÚJO, Allyson Carvalho de | Revista Teias                                       | 2021 |
| 06 | Análise crítica das representações da masculinidade no Brega Funk pernambucano                                                  | Artigo      | SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da; SIMPLICIO, Alberto César                        | Revista Letra Magna                                 | 2023 |
| 07 | Samba no início do século XX e o movimento Brega nas periferias do Recife: criminalização e necropolítica                       | Artigo      | SANTOS, Williams Paixão dos; LIMA, Camilla Montanha de                         | Revista Vertentes do Direito                        | 2023 |
| 08 | Leitura de notícias no 6º ano: Na pegada do passinho, um olhar crítico sobre o bregafunk nos jornais de Pernambuco              | Dissertação | TAVARES, Caio Dias                                                             | Programa de Mestrado em Letras - PROFLETRAS da UFPE | 2020 |
| 09 | O brega funk como estratégia identitária e de resistência dos jovens da periferia recifense                                     | Dissertação | MOREAU, Franckel                                                               | Programa de Mestrado em Antropologia da UFPE        | 2022 |
| 10 | Na batida do Brega Funk: As batalhas de passinho em João Pessoa/PB                                                              | Dissertação | MATIAS, Milena da Costa                                                        | Programa de Mestrado em Antropologia da UFPB        | 2021 |



|    |                                                                                                                                                     |             |                                |                                                                   |      |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------------|-------------------------------------------------------------------|------|
| 11 | Prática do passinho por jovens do Ibura- Recife: A pedagogia do corpo maloqueiro                                                                    | Dissertação | RIBEIRO, Pedro Henrique Soares | Programa de Mestrado em Educação, Culturas e Identidades da UFRPE | 2022 |
| 12 | Dos “Bailes de Galera” a campanhas educativas contra o assédio feminino: como o Brega Funk recifense vem sendo construído nos jornais de Pernambuco | Dissertação | SILVA, Rodolfo Rodrigo da      | Programa de Mestrado em Comunicação da UFPE                       | 2023 |
| 13 | Brega Funk e Dembow: paralelos entre música pop periférica brasileira e dominicana                                                                  | Dissertação | COSTA, Tiago de Jesus Santos   | Programa de Mestrado em Comunicação da UFPE                       | 2025 |

**Fonte:** construção das autoras.

Para constituir o debate com a Educação Física, foi necessário realizar um novo mapeamento de produções. Nesta etapa realizamos o mapeamento nas bases elencadas, agora utilizando os termos: Educação Física *and* BregaFunk *or* Brega Funk, com registro da ausência de trabalhos. Em um novo movimento recorreremos aos termos: Educação Física *and* Danças Urbanas e Educação Física *and* Funk. A escolha destes estilos de dança se deu por reconhecermos que, historicamente e socialmente, existem similaridades entre algumas Danças Urbanas ao redor do mundo com o BregaFunk, principalmente o Funk carioca. Temos clareza que se trata de uma aproximação analítica e como tal, buscaremos evidenciar as aproximações possíveis a este diálogo em nossa análise.

A partir deste levantamento identificamos 56 produções, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Mapeamento de produções sobre Educação Física e Danças Urbanas ou Educação Física e Funk

| Fonte                                                 | Mapeados  | Validados |
|-------------------------------------------------------|-----------|-----------|
| <i>Scielo</i>                                         | -         | -         |
| Portal Periódicos CAPES                               | 22        | 07        |
| Portal de Dissertações e Teses da CAPES               | 12        | 03        |
| Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações | 22        | 04        |
| <b>Totais</b>                                         | <b>56</b> | <b>14</b> |

**Fonte:** construção das autoras.



Após verificação dos títulos e resumos, foram descartadas 4 produções por repetição, reunindo 10 produções para análise, apresentadas no Quadro 4.

**Quadro 4** – Detalhamento das produções sobre Educação Física *and* Danças Urbanas e Educação Física *and* Funk

| Nº | Título                                                                                                                                            | Tipo        | Autoria                                                                                                                    | Inserção                                                       | Ano  |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|------|
| 01 | “Porque eu gosto e principalmente Funk, mas a professora não permite” Uma análise da percepção de alunos/as em relação a dança na Educação física | Artigo      | ROSA, Marcelo Victor da;<br>RODRIGUES, Iara Aparecida;<br>BORGES, Andrey Monteiro;<br>OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento | Revista Educação Online                                        | 2020 |
| 02 | Círculo de cultura e educação física: a tematização do Funk na escola                                                                             | Artigo      | SOUSA, Cláudio Aparecido de;<br>MALDONADO, Daniel Teixeira;<br>NEIRA, Marcos Garcia                                        | Revista Kinesis                                                | 2018 |
| 03 | Funk na Escola: corpo, cultura e movimento juvenil em pauta                                                                                       | Artigo      | BIANCHETTI, Monique;<br>ISSE, Silvano Fensterseifer                                                                        | Revista Kinesis                                                | 2018 |
| 04 | Experiências compartilhadas no Pibid entre docentes e estudantes: a tematização da dança na perspectiva inclusiva                                 | Artigo      | CORTE, Monique;<br>SILVA, Aline dos Santos;<br>FONSECA, Michele Pereira de Souza da                                        | Revista Temas em Educação Física Escolar                       | 2023 |
| 05 | O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade                                                            | Artigo      | NEIRA, Marcos Garcia                                                                                                       | Revista Linhas                                                 | 2015 |
| 06 | Educação e Educação Física escolar: em questão, o Funk                                                                                            | Dissertação | FORNI, Elaine Patricia Duarte                                                                                              | Programa de Mestrado em Educação Física - PROEF da UNESP Bauru | 2024 |
| 07 | No balanço do Funk: as tensões que envolvem o ritmo dentro do ambiente escolar                                                                    | Dissertação | MACHADO, Fernanda Xavier                                                                                                   | Programa de Mestrado em Educação Física da UFES                | 2015 |
| 08 | Danças Urbanas no contexto escolar                                                                                                                | Artigo      | AZEVEDO, Priscilla Gonçalves de                                                                                            | Revista FIEP Bulletin Online                                   | 2025 |



|    |                                                                                                              |        |                                                         |                                |      |
|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|---------------------------------------------------------|--------------------------------|------|
| 09 | A influência das Danças Urbanas como fator de prevenção e recuperação de adolescentes e jovens com depressão | Artigo | GUIMARÃES, Tiago Garcia; GONÇALVES, Patrick da Silveira | Revista CIPPUS                 | 2023 |
| 10 | Danças urbanas como intervenção no combate à obesidade e hipertensão em populações jovens                    | Artigo | MOREIRA, Thiago Rodrigo                                 | Revista <i>Lumem et virtus</i> | 2023 |

**Fonte:** construção das autoras.

De forma que nosso *corpus* de análise foi constituído por 23 produções. O tratamento das produções recorreu a análise de conteúdo categorial por temática (Souza Júnior; Melo; Santiago, 2010), que possibilita a organização de forma sistemática dos dados em pesquisas qualitativas. Para análise, partimos das categorias analíticas: BregaFunk e Diálogos que aproximam o BregaFunk e a Educação Física, sendo as mesmas elementos centrais no objetivo proposto deste artigo.

Iniciamos pela leitura das produções, buscando reconhecer os debates estabelecidos sobre o tema, identificando e destacando, através de marcadores, suas unidades de registros que promoviam a discussão sobre Brega Funk e sobre os diálogos possíveis com a Educação Física. Após reconhecidos os registros, estes foram agrupados em unidades de contexto, sendo as mesmas utilizadas para a compreensão dos sentidos a fim de codificar e agrupar as unidades de registro por aproximação temática. Após idas e vindas com estes agrupamentos, chegamos a 5 unidades de contextos que se desdobraram em 11 unidades de registros.

## ANALISANDO AS PRODUÇÕES

No processo de organização das unidades, partimos das duas categorias analíticas previamente estabelecidas e organizamos o quadro 5, destacando os contextos, que nos ajudaram a compreender os sentidos presentes nos registros destacados nos debates estabelecidos e nas experiências registradas nas produções analisadas.



**Quadro 5** – Organização das categorias de análise

| Categorias analíticas                                  | Unidade de Contexto             | Unidades de Registro                           |
|--------------------------------------------------------|---------------------------------|------------------------------------------------|
| BregaFunk                                              | Contexto sociocultural          | Histórico                                      |
|                                                        |                                 | Contemporaneidade                              |
|                                                        | Expressões Gênero               | Corpos dissidentes                             |
|                                                        |                                 | Papéis de Gênero                               |
|                                                        | Dança                           | Sexualidade                                    |
|                                                        |                                 | Comunidade/ Pertencimento                      |
| Diálogos que aproximam o BregaFunk e a Educação Física | Dança e qualidade de vida       | Aptidão física                                 |
|                                                        |                                 | Saúde mental                                   |
|                                                        | Dança e Educação Física escolar | Senso crítico                                  |
|                                                        |                                 | Cultura Corporal de Movimento                  |
|                                                        |                                 | Possíveis obstáculos que justificam a ausência |

**Fonte:** construção das autoras.

A partir da leitura dos trabalhos selecionados, foi possível identificar algumas unidades de contextos em comum entre os textos a partir da categoria analítica: **BregaFunk**. Quando se trata da unidade de contexto: **Contexto sociocultural**, o processo **Histórico** é destacado. Na história do “Brega”, o nome já era utilizado para descrever um estilo de música próprio de Pernambucano, hoje chamado popularmente de “Brega antigo”, que foi consolidado por figuras como Reginaldo Rossi, e desde os anos 1970 contornavam a região metropolitana do Recife com sua sonoridade ultrarromântica, ecoando em becos, bares e bordéis (Silva Júnior; Félix; Araújo, 2021).

Esse ritmo era popular nas casas de *show* da região metropolitana do Recife, a exemplo do Clube das Pás e Bela Vista, que desde aquela época promovem festas dançantes e incluíam o “Brega antigo”, sendo a dança o destaque e propósito daqueles encontros, atraindo majoritariamente pessoas adultas, sendo este ritmo sensual e romântico geralmente dançado em pares (Silva Júnior; Simplício, 2023).

A maioria dos/as autores/as afirmam que o BregaFunk que conhecemos hoje é resultado da junção de gêneros musicais pernambucanos, nacionais e internacionais (Silva Júnior; Félix; Araújo, 2021; Oliveira, 2024). Moreau (2022) afirma que o BregaFunk surge como manifestação de uma cultura popular que se desenvolve em torno de vários estilos, sendo um movimento próprio de Pernambuco, composto de ritmos antigos como Frevo, Coco, Capoeira, Ciranda e Maracatu, nos fazendo refletir sobre como o território tem influência nas novas criações, mesmo que não seja possível identificar uma relação direta entre os ritmos e as movimentações na dança.



Ainda em relação às influências, no que se refere às semelhanças, é possível fazer uma conexão direta entre o Funk do Rio de Janeiro e o BregaFunk. Para além do termo “Funk”, em suas nomenclaturas, a estética dessa cultura periférica carioca consegue interferir na forma de fazer do Brega em Pernambuco, desde mudanças nas letras das músicas, construção das batidas e na forma de dançar, onde as movimentações pélvicas entram em destaque acompanhando os efeitos sonoros e gestualizando o que o/a cantor/a está dizendo. A partir dessa junção, o BregaFunk vem se popularizando nacionalmente por ter um ritmo dançante e por invadir variados âmbitos sociais (Silva Júnior; Simpício, 2023).

Entendendo que o Funk é genuinamente um gênero musical ligado à negritude (Oliveira, 2024), e relacionando o surgimento do BregaFunk às suas manifestações, é possível observar uma afinidade com algumas culturas internacionais que advém de um contexto histórico e social semelhante. Moreau (2022) traz essa reflexão quando relaciona o BregaFunk ao movimento cultural Hip Hop, cultura norte americana nascida de jovens da periferia do Bronx, nos Estados Unidos da América, que em suas letras denunciavam as violências vividas em sua região, falam de pobreza, racismo, sonhos, prazer e também mostram suas expressões através da dança. O autor pontua:

As produções culturais do Hip-hop evocam uma reflexão sobre as teorias da identidade e sobre as construções identitárias nas Américas e no Caribe. Essa representatividade é compartilhada pelo brega-funk, assim como seus processos criativos. Ambos partem de uma crítica à discriminação encontrada e são construídos como uma luta sociopolítica (Moreau, 2022, p. 60).

Em sua dissertação em Comunicação, Costa (2025) compara o BregaFunk com o Dembow, gênero musical que surgiu nas camadas populares da cidade de Santo Domingo, na República Dominicana. O autor conclui que estas culturas possuem semelhanças em suas manifestações, como o protagonismo dos corpos negros, a sexualidade como um dos principais temas das músicas e da gestualidade, diretamente ligada às letras, que mais uma vez focam na região pélvica, com movimentos semelhantes ao Twerk, estilo de dança urbana de origem estadunidense que envolve o controle dos glúteos no ritmo da música.

A partir dos estudos e comparações feitas pelos/as autores/as, citados anteriormente, é possível perceber que o BregaFunk faz parte de uma rede de culturas populares e urbanas fomentadas por pessoas negras e periféricas, que carregam consigo uma corporeidade específica, refletindo seu território e cotidiano em suas expressões. De acordo com Costa (2025, p. 3), “A comparação entre os gêneros pressupõe hipóteses de filiações em comum através da afrodíspora, mas também



individualidades desenvolvidas em seus próprios contextos, ou seja, são um “mesmo mutável” através das diásporas”.

Na **Contemporaneidade**, é possível observar que o BregaFunk carrega consigo a discriminação que outrora também foi sofrida por essas outras culturas. Ribeiro (2022) traz a informação de que, durante sua pesquisa sobre a prática dessa dança por jovens do Ibura em Recife, pode ouvir relatos e presenciar diversas abordagens violentas e repressivas por parte da polícia direcionada aos dançarinos/as.

Essas situações são recorrentes e um tormento para os/as adolescentes e jovens praticantes do passinho, inclusive os/as do Ibura, que aos finais de semana, em encontros marcados para dançar e se divertir, são constantemente reprimidos e agredidos por, simplesmente, ocuparem as ruas (Ribeiro, 2022, p. 9).

Esse tipo de repressão sofrida pelos/as dançarinos/as de BregaFunk é reflexo de um projeto antigo de higienização e embranquecimento cultural que o Brasil carrega há séculos. No artigo que fala sobre criminalização e necropolítica, Santos e Lima (2023) fazem um paralelo do Samba no início do século XX e o movimento Brega nas periferias do Recife. Os/as autores/as justificam que o preconceito sofrido pelo novo estilo pernambucano é parecido com o processo de criminalização que o Samba passou no contexto de pós abolição da escravidão no Brasil, reconhecendo que houve “[...] uma tentativa de aniquilação das manifestações de origem negra no Brasil” (Santos; Lima, 2023, p. 6).

A tentativa de censura através da tipificação do crime de vadiagem, encontrada no art. 399 do Código Penal de 1889, pode ser comparada ao projeto de lei proposto na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE), já registrado anteriormente, que visava a proibição do BregaFunk em escolas públicas e privadas, assim como o Funk carioca também sofreu tentativas de repressão por parte do estado do Rio de Janeiro. Tais dados nos permitem indicar que existiu, existe e persiste a tentativa de apagamento dessas culturas periféricas brasileiras.

Na dissertação de Tavares (2020), o autor leva estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal no bairro da Várzea, Recife-PE, a ter um olhar crítico sobre matérias de jornais de Pernambuco que abordam o tema. A ideia de que o BregaFunk é impróprio e violento continua sendo reforçada através das grandes mídias de forma pejorativa, o que contribui para a construção de uma visão preconceituosa em relação ao tema. Além disso, durante o processo de avaliação das reportagens, diversos estudantes relataram casos vivenciados com familiares e amigos/as, referentes a abordagens discriminatórias dentro do contexto periférico onde se reproduz o BregaFunk.



É curioso perceber que em todas essas culturas citadas, a dança está presente e tem um papel importante na identidade dessas expressões. Tanto no Samba, quanto no Funk e no Brega, são corpos negros que se movimentam livremente, rebolando, dançando individualmente ou em pares, gestualizando suas vivências e usando o corpo como meio de confraternização e resistência às desigualdades nas suas regiões.

Na unidade de contexto que reuniu os registros referentes às **Expressões de gênero** dentro do BregaFunk, é possível identificar que as movimentações nas danças e letras das músicas reforçam uma ideia de **Papéis de gênero** binários e sexistas, a partir da representação dominante do ponto de vista masculino (Souza-Leão; Lopes, 2024). É possível reconhecer essa problemática e refletir sobre as violências derivadas dessas construções. Culturas são reflexos dos costumes da região em que surgem e as desigualdades presentes nas periferias não estão restritas apenas à pobreza, existe sim a reprodução de preconceitos dentro e fora das comunidades; e o BregaFunk, quando produzido e reproduzido, pode ser considerado um grande reforçador do machismo através de suas expressões, inclusive na dança.

As movimentações presentes na dança estão diretamente ligadas aos padrões femininos e masculinos, através das gestualidades erotizadas que remetem às posições de mulheres e homens nesse tipo de cenário.

A questão não é apenas perceber como noções de masculino e feminino são engendradas no passinho dos malokas, mas sobretudo pensar sobre os movimentos coreográficos que permitem o gênero aparecer e se estabilizar – embora sempre passível de novas instabilidades (Soares, 2023, p. 12).

Em contrapartida, a partir dessa percepção, diversas pessoas que consomem e criam essa arte acabam rompendo com esses padrões, principalmente através da dança. São corpos femininos dançando de uma forma padronizada como masculina e corpos masculinos dançando com uma outra forma padronizada dita como feminina.

Além disso, no que diz respeito à criação e divulgação das coreografias que viralizam nas redes sociais, são **Corpos dissidentes** que protagonizam a cena em Pernambuco, pessoas transexuais e que não seguem a estética binária de gênero estão em destaque na dança, contribuindo direta ou indiretamente com a desconstrução desses papéis.

Na sua pesquisa de campo sobre as batalhas de passinho em João Pessoa, Paraíba, Matias (2021, p. 72) pôde observar como as pessoas se organizam e se manifestam naquele local e conclui que:

Nesse caso, a performance parece transferir um significado sobre a questão de gênero e sexualidade, ajudando a desconstruir alguns preconceitos. Os meninos passam a



mensagem de que a dança pode ser comum a todos, que não existe movimento exclusivo para as meninas e que jovens héteros ou gays podem rebolar e fazer o quadradinho também.

Quando entramos na unidade de contexto referente à Dança, é possível observar que a Sexualidade atua como um fundamento quase técnico nas movimentações. Como citado anteriormente, a dança hipersexualizada tem relação direta com os papéis de gênero, mesmo que produzida por corpos dissidentes. Isso se configura da seguinte forma:

O passinho feito pelas meninas é um misto de “quicadas” de mãos e “bingadas”, com movimentos que põem a sexualidade como evidência. As meninas fazem movimentos como quadradinho, rebolam e jogam os cabelos durante a batalha. O quadradinho é um movimento que utiliza a bunda, o quadril e as pernas (Matias, 2021, p. 58).

Já nas movimentações que representam a masculinidade, a gestualidade é diferente. Os meninos fazem movimentos como sarrada, puxada e ombrinho, intensificando a disputa de valores que surgem no gênero (Silva, 2023). E apesar do BregaFunk ser dançado comumente de forma individual, quando esses elementos são manifestados em dupla, o encaixe dos corpos simula relações sexuais (Silva Júnior; Simplício, 2023).

No geral, podemos observar que é uma dança que envolve gingado, principalmente dos ombros, quadris e braços (Ribeiro, 2022), na qual o ritmo acelerado convida todos/as a se envolverem, e os ambientes onde essa dança se manifesta abre espaço para interações genuínas e descontraídas. Mesmo a sexualidade estando presente nos gestos e letras das músicas, a diversão que os movimentos fazem com que esse tema passa por vezes até despercebido, dando lugar a uma sensação de liberdade, por uma ação de **Comunidade e Pertencimento**.

O corpo sexualizado que dança no ritmo do passinho dos malokas faz aparecer também um corpo espontâneo, que se entrega ao ritmo, prazer e deleite de ocupar o espaço público, seja nas redes sociais digitais, seja nas dinâmicas urbanas ou nos pátios das escolas (Soares, 2023, p. 11).

Barros e Silva (2022, p. 11) observaram esse fenômeno ao realizar sua pesquisa de campo em “rolezinhos” nas periferias do Recife. Os/as autores/as frequentaram algumas festas de rua e acompanharam os/as jovens nos “pós rolês”. Durante o trajeto de uma festa para outra relatam que: “Os jovens brincavam, paravam no meio do caminho para dançar nas calçadas, e as caixas de som, as famosas JBL, continuavam entoando as músicas que encorajaram a andança ritmada pelos corpos alcoolizados”.

Bailes e batalhas de BregaFunk criam um ambiente de festividade que é intensificado principalmente pela dança. Quando essas manifestações, proporcionados por culturas periféricas, são



levados para ambientes fora das favelas, ganham uma proporção diferente. O som preenche as ruas, chama atenção das pessoas que circulam e envolve cada vez mais jovens.

Aguçava minha curiosidade observar jovens de vários bairros fazendo uma presença massiva em uma parte muito valorizada da cidade, reunidos em torno de uma dança que também tem origem na periferia e que poderia causar muitas reações (Matias, 2021, p. 24).

Matias (2021) relata que durante sua pesquisa dentro das batalhas de Passinho, o seu receio por ser uma mulher naquele ambiente se desfez e deu lugar a uma sensação de liberdade ao perceber que muitas mulheres ali mostravam seus corpos e dançavam sem medo, fazendo a autora se sentir confortável e acompanhada.

É a partir dessas experiências que entendemos que o BregaFunk utiliza de diversas linguagens para transformar o ambiente, reagir com o movimento às violências que aqueles corpos sofrem, ressignificar as identidades, gestualizar a realidade e unir jovens dispostos a ir além do que lhes foram determinados a ser perante a sociedade.

Os dançantes desenvolvem práticas ligadas a aspectos de suas subjetividades, e sugerem enunciados de contracondutas, de marginalidade, de enfrentamento às interdições, de produção de saberes, de mobilização cultural, de disponibilidade sexual, de ascensão, visibilidade e inauguração de espaços para a manifestação de outras formas de existirem (Meireles; Meirinho, 2024, p. 15).

Entendendo o BregaFunk como uma cultura que abrange tantas reflexões sobre diversos aspectos da sociedade e que também se manifesta através da dança, surgem alguns questionamentos: De que forma o campo da Educação Física pode dialogar de forma mais efetiva com o BregaFunk? Por que essa cultura não é investigada por esta área se já está tão presente na vida dos/as jovens?

Quando analisamos a categoria **Diálogos que aproximam o BregaFunk e a Educação Física**, o fizemos tomando as produções sobre Danças Urbanas e Funk, por reconhecermos a aproximação destas com o BregaFunk, visto que foi registrada a ausência de produções no mapeamento realizado. Tal movimento teve como intenção estabelecer alguma aproximação analítica, mas temos clareza das particularidades das mesmas.

Nesse movimento, identificamos duas unidades de contextos bastante distintas. A primeira unidade de contexto que diz respeito à **Dança e qualidade de vida**. Nesta a dança é reconhecida como uma prática corporal na área da Educação Física que mobiliza diversas pessoas por diferentes motivações, seja por lazer, expressão artística, prática de atividade física, preservação cultural, tradição ou simplesmente, para socializar (Azevedo, 2025).



Na unidade de registro referente à **Aptidão Física**, entendesse que o movimento proporcionado pelas Danças Urbanas traz benefícios físicos consideráveis como: promoção do desenvolvimento motor, incluindo o ritmo, coordenação e consciência corporal (Azevedo, 2025).

Moreira (2023) em seu trabalho sobre as Danças Urbanas como ferramenta de combate à obesidade e hipertensão em jovens, afirma que esse tipo de dança pode ser utilizada como uma alternativa metodológica promissora para essas duas condições, visto que são movimentações dinâmicas e expressivas, apresentando características aeróbicas relevantes, capazes de elevar a frequência cardíaca e o gasto energético em níveis recomendados para a promoção da saúde.

Guimarães e Gonçalves (2023) também utiliza as Danças Urbanas, especificamente o Hip Hop, como estímulo para a prática de exercícios físicos e gasto energético. A partir de aplicações práticas, conclui-se que existe uma diferença significativa em termos fisiológicos, diminuindo as taxas de obesidade e de diabetes II, melhora no VO2 máximo e diversos outros benefícios.

Os trabalhos mencionados afirmam, através de suas pesquisas, que as Danças Urbanas são estilos que estimulam os/as jovens no combate ao sedentarismo, através do seu aspecto lúdico e a aproximação com as vivências e preferências das crianças e adolescentes. Essa manifestação também funciona como “efeito cascata”, abrangendo benefícios sociais e emocionais, contribuindo na interação entre os/as dançantes, autoconhecimento e autonomia.

Com essas produções, é possível compreender como a prática de Danças Urbanas tem impacto também na **Saúde Mental** dos/as dançantes. Guimarães e Gonçalves (2023) trazem esse debate quando utilizam o Hip Hop como ferramenta de prevenção e recuperação de casos de depressão entre jovens e adolescentes. Os autores afirmam que “A prática regular dessas atividades artísticas pode proporcionar uma saída criativa para o estresse, promover a autoexpressão e melhorar a autoestima” (Guimarães; Gonçalves, 2023, p. 2), apontando que as Danças Urbanas são naturalmente uma plataforma para autoexpressão e empoderamento, o que abre espaço para que os/as jovens comuniquem suas emoções, frustrações e aspirações de forma não verbal. Assim,

Iniciativas que combinam a prática dessas danças como abordagens psicoeducacionais podem não apenas fornecer ferramentas práticas para a gestão do estresse, mas também contribuir para a quebra do estigma associado à saúde mental, promovendo uma cultura de cuidado e compreensão (Guimarães; Gonçalves, 2023, p. 2).

Apesar das diversas pesquisas e relatos sobre os benefícios da prática de Danças Urbanas para a saúde física, social e emocional, ainda é difícil observar sua participação ativa no que se diz respeito à estudos formalizados de ensino dentro da área da Educação Física. Azevedo (2025, p. 6) acredita que ainda



existe uma dificuldade em abordar essa temática; pois, “Apesar dos desenvolvimentos desta área, a visão sobre a Educação Física, infelizmente ainda é vista apenas como prática de esportes, não valorizando outras práticas que devem ser abordadas”.

Quando pensamos no BregaFunk como um estilo de Danças Urbanas recifense, é possível visualizar suas possíveis contribuições para a Educação Física, porém além de existir uma distância da dança nas pesquisas da área, o BregaFunk carrega características da periferia que ainda são interpretadas com preconceito, afastando ainda mais o estilo dos espaços acadêmicos. Reflexo disso é a ausência de produções científicas que relacionam os dois temas. No entanto, aqui a aproximação é com um campo de inserção da Educação Física que vem sendo potencialmente valorizado, a saber sua relação com a saúde, que mesmo sendo historicamente reconhecida, há na atualidade outras leituras sobre a mesma. Restamos questionar: cabe restringir as danças aos exercícios físicos e seu potencial de gasto energético? Como as histórias narradas por essas manifestações serão tratadas nestes recortes de movimento?

Na continuidade também analisamos produções da Educação Física que recorrem ao Funk, principal influência do BregaFunk, e a partir destas identificamos os registros que compõem a segunda unidade de contexto dos Diálogos que aproximam o BregaFunk e a Educação Física. Trata-se da unidade de contexto **Dança e Educação Física Escolar**. Nesta é possível reconhecer produções da área da Educação Física que têm pesquisas e trabalhos que envolvem o Funk nas salas de aula, através de discussões sociais e históricas, assim como o ensino e prática de sua dança.

Para desenvolver essa relação, Sousa, Maldonado e Neira (2018) construíram o Projeto Funk para alunos/as do 5º ano de uma escola em Santo André, São Paulo, como forma de trabalhar a dança na Educação Física. A escolha do tema se deu por identificar certa proximidade e paixão da maioria das crianças com o ritmo. No início do projeto foram feitas rodas de diálogo para debater sobre o estilo e a finalização desse estudo se deu por meio de uma coreografia construída com a participação ativa dos/as estudantes. Nos ensaios houve participação de meninos e meninas e foi possível observar que as crianças mais familiarizadas com a dança ajudavam aquelas que tinham menos experiências, contribuindo para um ambiente acolhedor e funcional entre todos/as.

Dentro desse relato, os autores também debatem sobre o papel do/a professor/a nesse tipo de intervenção pedagógica, reforçando a necessidade de considerar a realidade em que o/a estudante está inserido e promover o diálogo constante na efetivação das práticas corporais, “Na nossa



compreensão, só assim o/a professor/a vai se aproximar de princípios importantes do campo da prática de ensino para efetivar a justiça curricular nas aulas de EF” (Sousa; Maldonado; Neira, 2018, p. 10).

Bianchetti e Isse (2018) também trouxeram o Funk para a sala de aula, a partir de um estágio supervisionado no campo da Educação Física em uma escola da rede pública estadual do interior do estado do Rio Grande do Sul. Com turmas de 1º e 3º ano do Ensino Médio, foram ministradas quatro aulas sobre o Funk, apresentando aspectos históricos e analisando imagens e vídeos de cantores/as. A partir dessas aulas, houve debates acerca das letras das músicas e temas como papéis de gênero e preconceito foram destacados. Ao final do projeto, os/as estudantes produziram paródias e ilustrações de músicas selecionadas como forma de trazer uma alternativa àqueles estereótipos e violências contidas nessas composições.

A partir dessas experiências relatadas, e estudo de outras produções a respeito do diálogo desta cultura periférica com a educação escolar, identificamos a unidade de registro referente à construção de um **Senso Crítico** desenvolvido e estimulado junto aos estudantes e profissionais da educação que foram envolvidos/as nestas pesquisas.

Em outro estudo, Corte, Silva e Fonseca (2023, p. 17) elaboraram atividades com turmas do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal do Rio de Janeiro, envolvendo o Funk e o Hip Hop. As autoras afirmam que “Essas atividades foram elaboradas salientando um olhar crítico e de proposição colaborativa”, e trazendo para dentro dessa reflexão os/a professores/as e coordenadores/as da escola, entendendo seus posicionamentos através de entrevistas e possibilitando uma nova percepção sobre o tema ao final do processo.

Seguindo esse mesmo propósito, Sousa, Maldonado e Neira (2018), ao analisar o tema círculo de cultura e Educação Física, perceberam a variedade de pensamentos e interpretações dos/as estudantes em relação ao Funk. Muitos/as demonstravam afeição com o estilo, defendendo que estava presente em suas casas e famílias, levando a dança com mais leveza e diversão, outros/as já tinham uma opinião questionadora em relação às letras das músicas e suas gestualidades e alguns/mas já apresentavam algum tipo de preconceito, nutrido pela família, e especialmente pela referência religiosa.

Após a concretização desta experiência, os autores relatam que todos/as os/as alunos/as se sentiram motivados a participar e aprender sobre essa cultura periférica, absorvendo conhecimentos e sendo capazes de desenvolver pensamentos críticos que foram discutidos durante o processo, ultrapassando as próprias barreiras pré-estabelecidas sobre o Funk.



Para além das discussões teóricas e ensinamento históricos referentes ao Funk carioca, a movimentação em si também foi trabalhada em diversas pesquisas, nos direcionando para a unidade de registro que diz respeito à **Cultura Corporal de Movimento**, que se trata de um conceito utilizado na Educação Física que abrange formas culturais que vêm sendo produzidas ao longo da história, carregando significados sociais e simbólicos (Forni, 2024).

Esta autora apresenta essa reflexão sobre a importância desse tema na área da Educação Física, alegando que apesar dos/as estudantes consumirem e reproduzirem danças periféricas, desconhecem seus aspectos históricos, sociais e culturais, acreditando que isso requer da escola a promoção de ações didáticas que validem essa manifestação.

A melhor postura não é proibi-lo, mas chamá-lo para fazer parte da escola, das aulas, envolvido em uma metodologia didática e reflexiva, com possibilidade de ocupar lugar no currículo organizado. A Educação Física escolar, por meio da cultura corporal de movimento, oferece uma série de possibilidades para enriquecer a formação de crianças, jovens e adultos/as que frequentam a escola brasileira (Forni, 2024, p. 56).

Rosa *et al.* (2020) acreditam que o ensino da dança dentro da Educação Física escolar deve contemplar diferentes conceitos, não apenas o movimento pelo movimento.

O que se propõe é ampliar o seu universo, possibilitando a/o aluna/o ir além dos aspectos históricos, adquirindo, dessa forma, a percepção do seu ritmo próprio e grupal, bem como o desenvolvimento da noção espaço/tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro (Rosa *et al.*, 2020, p. 28).

A partir dessas vivências e estudos, é possível observar o repertório que as danças de origens periféricas oferecem para o campo da Educação Física e, também, identificar na última unidade de registro os **Possíveis obstáculos que justificam a ausência** de interesse entre muitos/as profissionais da área. Rosa *et al.* (2020, p. 7) afirmam que um dos motivos é a pouca ou não existência de formação de professores/as para trabalharem esse conteúdo.

Para Neira (2015) essa ausência tem relação direta com uma estrutura social sustentada por ideólogos neoliberais, que pretendem atrelar a educação institucionalizada aos objetivos estreitos de preparação para o mercado de trabalho, “Para o neoliberalismo, a função social da escola passa a ser a transmissão de habilidades e competências ao aluno para que esse possa instrumentalizar-se e inserir-se competitivamente no mercado de trabalho” (Neira, 2015, p. 8).

Embora esses estudos tratem do Funk carioca, seus resultados oferecem pistas importantes para compreender o potencial pedagógico do BregaFunk, considerando as aproximações históricas e



corporais entre essas manifestações, bem como os desafios dos/as professores/as em problematizar estes conteúdos em sala de aula.

Mesmo reconhecendo, que a dança na Educação Física contribui para o desenvolvimento integral dos/as estudantes por meio da expressão corporal, criatividade, conscientização corporal e o fortalecimento de competências socioemocionais (Azevedo, 2025), existe uma dificuldade de encontrar estímulos e didáticas efetivas sobre o tema dentro da área. Por ser uma cultura nova e marginalizada, o BregaFunk se encontra ainda mais distante das discussões acadêmicas da Educação Física, mesmo com sua crescente popularidade entre os/as jovens, principalmente no que diz respeito à dança.

Essa e outras manifestações periféricas estão começando a chamar atenção de alguns/mas pesquisadores/as nos últimos anos. Importante registrar que esses relatos se encontram inseridos no contexto escolar, com crianças e adolescentes, o que consideramos importante, mas precisam ser ampliados nos demais campos de inserção da Educação Física. A partir da observação e análise de estudos que abordam o BregaFunk, assim como danças que tem proximidade com esta cultura urbana, podemos identificar possíveis diálogos e contribuições com e para a Educação Física.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo apresentar o BregaFunk como expressão cultural e corporal de Pernambuco e estabelecer diálogos com a Educação Física. Durante a pesquisa, foi possível compreender que essa manifestação ultrapassa o entendimento de um simples gênero musical, sendo uma criação periférica que expressa os cotidianos, identidades, lazer, resistências e sociabilidades, tendo na dança seu principal instrumento.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada, foi identificado que o BregaFunk carrega características próprias ligadas ao contexto pernambucano, além de ser resultado de um processo histórico que conversa com diferentes manifestações culturais e corporais ligadas à negritude, como o Hip Hop, Funk Carioca e Dembow, onde é possível observar semelhanças nos seus contextos de produção sociocultural, assuntos abordados nas letras das músicas, gestualidade presente nas danças e no cenário social em que essas culturas emergem.

Com a dança ocupando um papel importante na consolidação do BregaFunk, o presente trabalho buscou os diálogos possíveis entre essa cultura local e a Educação Física, percebendo que a inclusão dessa temática no contexto acadêmico tem potencial para ampliar os repertórios de danças e os





debates sobre corpo, educação e sociedade. Durante a pesquisa, constatou-se uma lacuna nas produções científicas que relacionam o BregaFunk com a Educação Física, realçando a importância desse estudo.

No entanto, ao dialogar com os estudos sobre as Danças Urbanas e o Funk, uma análise possível em virtude da relação apresentada entre estas manifestações dançantes, foi possível reconhecer uma aproximação da área de Educação Física de forma bastante distinta, ora dialogando com a dimensão da saúde, via o conceito de qualidade de vida, usando-a como movimento-exercício, o que poderíamos considerar um limite do seu uso pela área; ora reconhecendo seu papel formativo no campo da educação, promovendo reflexões sobre corpo, gênero, etnia, lazer etc.

Ao constatar a ausência de pesquisas que atendessem a nossa delimitação inicial do estudo, e o debate estabelecido por outras áreas sobre o BregaFunk, podemos inferir que no conjunto de ações do processo histórico de apagamento de vivências negras e periféricas, o BregaFunk também vem sendo alvo de preconceitos que vão além de aspectos estéticos, corporais e musicais, refletindo desigualdades sociais, raciais e territoriais ainda presentes na sociedade brasileira.

Reconhecemos que o estudo se empenhou em estreitar essa relação, entre os estudos do movimento e a manifestação dessa cultura periférica, que de Recife chega a outros tantos lugares, através do reconhecimento de que a prática das danças urbanas e periféricas oferecem aos envolvidos/as contribuições que não podem estar circunscritas apenas ao desenvolvimento da coordenação motora, ritmo, consciência corporal, aptidão física, saúde mental, mas sim avançar no campo das interações socioculturais. Além disso, o BregaFunk possibilita debates sobre questões sociais que são manifestadas através de suas expressões, como questões de gênero e sexualidade, corpos dissidentes e marginalizados, racismo e desigualdades sociais, espaços de convivência e lazer, conforme evidenciamos nas produções sobre o tema.

Por fim, este trabalho pretende contribuir para que o BregaFunk seja reconhecido como objeto legítimo de investigação científica e prática corporal relevante para a Educação Física nos seus diferentes campos de atuação, incentivando novas pesquisas sobre a influência dessa cultura com os estudos da área, podendo dialogar diretamente com jovens, os/as dançarinos/as, produtores/as culturais, professores/as e demais sujeitos que constroem diariamente esta expressão artística, reconhecendo a importância de aproximar a universidade das culturas produzidas nas periferias.

Compreender o BregaFunk para além dos estigmas significa reconhecer seus saberes, seus corpos dançantes e sua potência enquanto manifestação cultural capaz de produzir conhecimento e





contribuir com a transformação de padrões sociais. Que este trabalho possa contribuir para ampliar esse diálogo e fortalecer o reconhecimento do BregaFunk como parte significativa da cultura que nasce em Pernambuco e tem marcas da constituição da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Priscilla Gonçalves de. Danças urbanas no contexto escolar: perspectivas na educação física. **Fiep Bulletin - Online**, v. 95, n. 1, p. 1-13, 2025.

BARROS, Simone Grace de; SILVA, Manoel Alexandre Ferreira. Corpo e estética: imersão em um rolêzinho do Passinho dos Maloka no Recife. **Revista de ensino em artes, moda e design**, v. 6, n. 1, p. 1-19, 2022.

BENTO, Emmanuel. **O fenômeno do passinho dos malokas no Grande Recife**. Diário de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <[https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/01/o-fenomeno-do-passinho-dos-malokas-no-grande-recife.html?utm\\_source=.com](https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/01/o-fenomeno-do-passinho-dos-malokas-no-grande-recife.html?utm_source=.com)>. Acesso em: 20 mai. 2026.

BIANCHETTI, Monique; ISSE, Silvine Fensterseifer. Funk na escola: corpo, cultura e movimento juvenil em pauta. **Kinesis**, v. 36, n. 3, p. 75-90, 2018.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em revista**, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020.

CORTE, Monique; SILVA, Aline dos Santos; FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Experiências compartilhadas no PIBID entre docentes e estudantes: a tematização da dança na perspectiva inclusiva. **Temas em educação física escolar**, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2023.

COSTA, Tiago de Jesus Santos. **Brega funk e Dembow: paralelos entre música pop periférica brasileira e dominicana**. 2025. 113f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2025.

FORNI, Elaine Patrícia Duarte. **Educação e educação física escolar: em questão, o funk**. 2024. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual Paulista. Bauru, SP. 2024.

GUIMARÃES, Tiago Garcia; GONÇALVES, Patrick da Silveira. A influência das danças urbanas como fator de prevenção e recuperação de adolescentes e jovens com depressão. **Revista de Iniciação Científica da Unilasalle**, v. 11, n. 2, p. 1-16, 2023.

LEIA JÁ. Reportagem de ESTEVES, Eduarda. **Por dentro do passinho, nova febre das favelas do Recife**. LeiaJá, Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJu-1uSlupE>. Acesso em: 9 mai. 2026.





MACHADO, Fernanda Xavier. **No balanço do funk**: as tensões que envolvem o ritmo dentro do ambiente escolar. 2015. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

MARTINS, Rosana; BARROS, Miguel de; LIMA, Redy Wilson. Cultura de rua e políticas juvenis periféricas: aspectos históricos e um olhar ao hip-hop em África e no Brasil. **Revista Famecos**, v. 22, n. 1, p. 1-18, 2015.

MATIAS, Milena da Costa. **Na batida do brega funk**: as batalhas de passinho em João Pessoa/PB. 2021. 135f Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2021.

MEIRELES, Danilo; MEIRINHO, Daniel. Um passo de cada vez no Passinho dos Maloka: as encruzilhadas do corpo, da cultura, do comum, da contraconduta e do espetáculo. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, v. 19, n. 33, p. 57-76, 2024.

MOREAU, Franckel. **O brega funk como estratégia identitária e de resistência dos jovens da periferia recifense**. 2022. 107f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2022.

MOREIRA, Thiago Rodrigo. Danças urbanas como intervenção no combate à obesidade e hipertensão em populações jovens. **Lumen et virtus**, v. 13, n. 31, p. 1-13, 2023.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da educação física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**, v. 16, n. 31, p. 276-304, 2015.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; FÉLIX, Jeane; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. "O bagulho ficou sério!": representações de gênero no brega recifense. **Teias**, v. 22, n. 65, p. 447-460, 2021.

OLIVEIRA, Jonas Jandson Alves. **Estudando o bregafunk**: a vanguarda pós-mangue é o beat. Aracaju, SE: IFS, 2024.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de saúde pública**, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995.

RIBEIRO, Pedro Henrique Soares. **Prática do passinho por jovens do Ibura – Recife**: a pedagogia do corpo malokeiro. 2022. 62f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, 2022.

ROSA, Marcelo Victor *et al.* "Porque eu gosto e principalmente funk, mas a professora não permite": uma análise da percepção de alunos/as em relação à dança na educação física escolar. **Educação on-line**, v. 15, n. 33, p. 26-46, 2020.



SANTOS, Williams Paixão dos; LIMA, Camilla Montanha de. Samba no início do século XX e o movimento brega nas periferias do Recife: criminalização e necropolítica. **Revista vertentes do direito**, v. 10, n. 2, p. 1-17, 2023.

SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da; SIMPLICIO, Alberto César. Análise crítica das representações da masculinidade no brega funk pernambucano. **Revista letra magna**, v. 19, n. 32, p. 25-40, 2023.

SILVA, Rodolfo Rodrigo da. **Dos “bailes de galera” a campanhas educativas contra o assédio feminino:** como o brega funk recifense vem sendo construído nos jornais de Pernambuco. 2023. 163f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2023.

SOARES, Thiago. Disputas morais nas músicas pop periféricas: estudo a partir do bregafunk. **Mídia e cotidiano**, v. 17, n. 3, p. 144-163, 2023.

SOUSA, Cláudio Aparecido de; MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Círculo de cultura e educação física: a tematização do funk na escola. **Kinesis**, v. 36, n.1, p. 116-129, 2018.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; MELO, Marcelo; SANTIAGO, Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar. **Movimento**, v. 16, n. 3, p. 29-47, 2010.

SOUZA, Luciana. **Brega Funk: A voz dos inaláveis.** Livro-reportagem, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/556d3552-3221-42ed-a990-6d17c6ee1bc9/tc5314-Luciana-Souza-Brega.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2026.

SOUZA-LEÃO, André Luiz Maranhão de; LOPES, Mariana Almeida de Souza. Que “Macho” é esse?: “anormalização” de subjetividades em vídeos de bregafunk. **Organizações & sociedade**, v. 31, n. 108, p. 36-65, 2024.

TAVARES, Caio Dias. **Leitura de notícias no 6º ano:** na pegada do passinho, um olhar crítico sobre o bregafunk nos jornais de Pernambuco. 2020. 137f. Dissertação (Mestrado Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2020.

TRIBUNA ONLINE. Reportagem de Aline Moura. **Projeto propõe punição para escolas que permitirem músicas com conteúdo sexual.** Espírito Santo, 2025. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/pernambuco/cidades/projeto-propoe-punicao-para-escolas-que-permitirem-musicas-com-conteudo-sexual-229367>>. Acesso em: 6 mai. 2026.

---



### Salome Archanjo Santiago

<https://orcid.org/0009-0007-9904-0182>

<http://lattes.cnpq.br/0107057688140001>

Universidade de Pernambuco (Recife, PE – Brasil)

[salome.archanjosantiago@upe.br](mailto:salome.archanjosantiago@upe.br)

### Lívia Tenorio Brasileiro

<https://orcid.org/0000-0002-5864-1148>

<http://lattes.cnpq.br/2051780563718960>

Universidade de Pernambuco (Recife, PE – Brasil)

[livia.brasileiro@upe.br](mailto:livia.brasileiro@upe.br)

### CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

**Autora 1:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autor 2:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; orientação da escrita conjunta do texto.

### FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

### DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

### DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

### COMO CITAR ESTE ARTIGO

SANTIAGO, Salome Archanjo; BRASILEIRO, Livia Tenorio. BregaFunk como expressão corporal e cultural pernambucana: buscando diálogos com a Educação Física. **Corpoconsciência**, v. 30, e21851, p. 1-26, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21851>.

---





**Recebido em:** 30/06/2026

**Aprovado em:** 29/07/2026

**Publicado em:** 06/08/2026

